

## ARTIGO

### **ERNANI SILVA BRUNO:**

TRAJETÓRIA INTELECTUAL E MODOS DE PRODUÇÃO DO PASSADO DE SÃO PAULO

DIEGO VASCONCELLOS VARGAS

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política da Escola de Artes, Ciências e Humanidades de Universidade de São Paulo (EACH-USP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6282-8047>

MARTIN JAYO

Professor da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), onde atua no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais e no Programa de Pós-Graduação em Mudança Social e Participação Política. Doutor em Administração pela Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0241-9687>

**RESUMO:** Com este artigo procuramos contribuir para um maior aprofundamento acerca da trajetória intelectual de Ernani Silva Bruno (1912-1986), cujo trabalho mais conhecido é o livro *História e Tradições da Cidade de São Paulo* (1953), mas que também é autor de uma prolífica produção sobre a qual há relativamente pouco conhecimento disponível. Baseando-nos fundamentalmente em pesquisa documental em acervos digitalizados de jornais, reunimos dados pouco conhecidos sobre sua vasta obra, suas conexões intelectuais e seus modos de trabalho. Os achados da pesquisa mostram que o autor se caracteriza por uma complexidade bem maior do que a sugerida pelo rótulo de memorialista que lhe é atribuído com frequência.

**PALAVRAS-CHAVE:** História intelectual, Ernani Silva Bruno, biografia, trajetória intelectual, São Paulo.

## **ERNANI SILVA BRUNO:**

### INTELLECTUAL TRAJECTORY AND MODES OF PRODUCING SÃO PAULO'S PAST

**ABSTRACT:** With this paper we seek to contribute to a deeper understanding of the intellectual trajectory of Ernani Silva Bruno (1912-1986), whose best-known work is the book *História e Tradições da Cidade de São Paulo* (1953), but who is also the author of a prolific production on which relatively little knowledge is available. Fundamentally based on documentary research in digitized newspaper collections, we gathered little-acquainted data about his vast production, intellectual connections and ways of working. The research findings show that the author is characterized by a much greater complexity than that suggested by the memorialist label that is often attributed to him.

**KEYWORDS:** Intellectual history, Ernani Silva Bruno, biography, intellectual trajectory, São Paulo.

Recebido em: 03/06/2023

Aprovado em: 17/07/2023

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2023v78p40-67>



## Introdução

Publicado em 1953, *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, o livro mais conhecido de Ernani Silva Bruno, alcançou grande repercussão ao longo das décadas seguintes. Reeditado três vezes (em 1954, 1984 e 1991) e até hoje amplamente citado, o livro tornou-se “símbolo da narrativa histórica oficial da cidade” (Cardoso, 2015, p. 147), e “referência nos estudos sobre a história da cidade” (Reis, 2016, p. 4).

Apesar disso, ao seu autor costuma ser negado o status de historiador. Quando citado por historiadores, Ernani Silva Bruno aparece referido como memorialista (Brefe, 1993; Marques, 2009), autor fronteiro ou misto (Lofego, 2001; Cardoso, 2015) ou ainda como jornalista (Freitas, 2011), mas quase nunca como historiador. As poucas exceções se dão em textos produzidos há várias décadas, por contemporâneos do autor, como um artigo assinado por A. Roberto de Pauta Leite<sup>1</sup> na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (Leite, 1987), ou então por autores de fora da comunidade historiográfica, a exemplo de Murillo Marx (1987) e Carlos Lemos (2005), ambos arquitetos, da geógrafa Vanderli Custódio (2011) e do museólogo José Wilton Nascimento Guerra (2015). Enfim, parece que apenas historiadores à moda antiga e não-historiadores aceitam referir-se ao “historiador Ernani Silva Bruno”, reconhecendo-lhe essa condição.

Por outro lado, a obra de Ernani Silva Bruno é extensa e heterogênea, o que torna o enquadramento do autor uma discussão mais complexa do que pode parecer à primeira vista. Alguns de seus livros, sobretudo os do final da vida, posicionam-se declarada e explicitamente como de caráter memorialístico, sem compromisso com fontes ou demais preocupações metodológicas, o que talvez tenha contribuído para que se lhe negasse reconhecimento como historiador. No seu livro mais famoso, o supracitado *História e Tradições*, por outro lado, a profusão de fontes e o cuidado com que estas são citadas e postas em diálogo podem ser indícios de algum método historiográfico.

Se for assim, os tipos de fonte mobilizados em *História e Tradições* (muito além dos tradicionais documentos oficiais), os temas privilegiados

---

<sup>1</sup> Antonio Roberto de Paula Leite (1931-2000), historiador, escritor e crítico literário, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e da Academia Ituana de Letras.

(muitos deles relacionados à vida cotidiana e à cultura) e a própria estrutura interna da obra poderiam sugerir alguma semelhança do trabalho do autor com correntes historiográficas do século XX. Não obstante isso, a produção de uma narrativa em última instância ufanista, afinada em certos aspectos com a de Afonso de Taunay, autor por sinal proficuamente citado no livro, sugeriria alinhamento a historiografias mais antiquadas e tradicionais.

Apesar da resistência ou dificuldade demonstrada entre historiadores em classificar Ernani Silva Bruno como historiador, fato é que sua obra mais conhecida se popularizou e tornou-se referência a respeito do passado paulistano. Sua tentativa de abarcar e sistematizar em *História e Tradições* “tudo” o que havia disponível sobre a cidade de São Paulo a partir de uma grande amplitude de fontes (textos históricos, relatos de cronistas e memorialistas, diários, documentos, legislação, estatísticas, notícias de jornais, entre outras), transformou o livro em espécie de enciclopédia do passado de São Paulo, que serve de referência para uma quantidade incalculável de trabalhos – inclusive de historiadores.

Diante disso, o objetivo do presente texto é contribuir para um melhor entendimento acerca da trajetória intelectual de Ernani Silva Bruno, seus modos de trabalho e seu legado. Importante frisar que não é nossa pretensão, com isto, resolver o problema do enquadramento ou não como historiador – ainda que inevitavelmente retomemos tal discussão ao discutirmos as diferentes fases de sua trajetória. Antes, o que desejamos é simplesmente jogar luz sobre uma vida intelectual multifacetada e sobre a produção de uma obra cuja extensão e complexidade ainda não são de todo conhecidas.

Leite (1987), Lofego (2001) e Cardoso (2015), entre outros, reúnem dados biográficos básicos a respeito de Ernani Silva Bruno, de forma que é nesses autores que obtivemos algumas das datas e dados factuais mencionados neste artigo. Outras informações são fornecidas pelo próprio Silva Bruno em seu livro autobiográfico, *Almanaque de Memórias* (1986). A maior parte da pesquisa, no entanto, baseou-se em busca em acervos de periódicos, em especial nas coleções históricas de jornais disponíveis na Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional e nos acervos digitalizados dos jornais *Folha de S. Paulo* e *O Estado de S. Paulo*.

Vivendo entre a primeira e a penúltima década do século XX, Ernani Silva Bruno teve uma longa trajetória como intelectual. Como recurso expositivo, a exploraremos dividida em fases, iniciando pela juventude.

## **1. Primeiros anos: estudos, integralismo, jornalismo**

Ernani Silva Bruno nasceu em 10 de agosto de 1912 em Curitiba, Paraná, onde viveu até os 12 anos de idade. Em 1925 transferiu-se com a família para São Paulo, onde residiu até seu falecimento em 1986, aos 74 anos e ainda intelectualmente ativo. A mudança para São Paulo foi motivada pela atividade profissional de seu pai.

Na década de 1920 fez o curso ginasial no Instituto Rio Branco, concluído em 1929. Foi ali, como afirma em seu livro de memórias (Bruno, 1986), que desenvolveu o gosto pelas humanidades e pela escrita. Segundo esta mesma fonte, frequentar a Biblioteca Municipal era uma de suas atividades favoritas nessa época. Ávido leitor, interessava-se por literatura brasileira e portuguesa, tendo autores como Euclides da Cunha, José de Alencar, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Eça de Queiroz, Júlio Dinis e Fialho de Almeida entre suas maiores referências, embora Charles Dickens, Oscar Wilde, Maupassant, Flaubert, Tolstói, Dostoiévski, Górkki e Tchechov também despertassem seu interesse. Sua atenção de leitor, conforme conta ainda no mesmo livro, também se dirigiu desde cedo a livros e diários de viajantes do passado.

Além das leituras, já na década de 1930 passou a participar de pequenas excursões a localidades vizinhas a São Paulo, como Mogi das Cruzes, Itaquaquecetuba, Embu e Carapicuíba (esta última, como ressalta em seu livro autobiográfico, por sugestão de seu influenciador<sup>2</sup> Mario de Andrade). Seu interesse nessas excursões era o de observar lugares e costumes que preservassem algo que fosse remanescente do passado, das “raízes” do Brasil.

---

<sup>2</sup> A relação social de Ernani Silva Bruno com Mario de Andrade, e as influências intelectuais que recebeu dele, são relatadas pelo próprio Bruno em seu livro autobiográfico (Bruno, 1986, p. 219-222) e também pelo poeta e historiador literário Mário da Silva Brito em *Evocação de Mario de Andrade*, artigo publicado na imprensa em 1970 e localizado nesta pesquisa (Brito, 1970).

Em 1930 ingressou na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, tornando-se bacharel em 1937, porém nunca chegou a exercer a profissão. O texto publicado mais antigo de sua autoria identificado nesta pesquisa data de janeiro de 1936, embora não o tenhamos localizado na íntegra: *O indígena e o negro na formação brasileira* foi parte da série *Panorama*, da *Revista Taquigráfica*, e sua publicação foi noticiada na imprensa.<sup>3</sup> No mesmo ano, seu nome consta em lista de inscritos no curso de etnografia promovido pelo Departamento Municipal de Cultura, dirigido por Mario de Andrade,<sup>4</sup> sendo esta mais uma referência a influências intelectuais vindas deste último.

Foi nessa época, em meados da década de 1930, que Ernani Silva Bruno se envolveu com a Ação Integralista Brasileira (AIB), tornando-se colaborador do jornal integralista *A Ofensiva*, do Rio de Janeiro, ao lado de nomes como Miguel Reale, Luís da Câmara Cascudo, Gustavo Barroso, Hélio Viana, entre outros, bem como do jornal *Ação*, em São Paulo. Entre suas publicações para *A Ofensiva*, foi possível localizar na íntegra um breve texto intitulado *Meditações brasileiras: o problema da cor nacional*, cujo tema era a miscigenação racial no Brasil, vista como “a inteira oportunidade de expressão criadora”<sup>5</sup> rumo o desenvolvimento de uma cultura original e autônoma no Brasil. Entre os autores usados como referência figura Gilberto Freyre, que terá presença constante como citação nos textos de Silva Bruno ao longo da vida.

Sobre o envolvimento com a AIB, em sua autobiografia de 1986 o autor afirma ter pertencido a um grupo cada vez mais desencantado e insatisfeito com a ideologia do movimento. Cabe ponderar que essa postura insatisfeita e questionadora relatada no fim da vida pode ter sido ser uma reconstrução daquele passado, produzida pelo ex-integralista arrependido. Na AIB nosso autor frequentou comícios, passeatas, reuniões e demais eventos do partido, exercendo inclusive o cargo de Secretário Nacional de Doutrina e Estudos.<sup>6</sup>

A colaboração com jornais integralistas evolui para a atividade profissional na grande imprensa. Será na profissão de jornalista que Ernani Silva Bruno atuará por mais tempo, trabalhando a partir do final da década

---

<sup>3</sup> Folha de S. Paulo, São Paulo, 9 jan. 1936, p. 5.

<sup>4</sup> Correio de S. Paulo, São Paulo, 21 mai. 1936, p.7.

<sup>5</sup> A *Ofensiva*, Rio de Janeiro, 16 ago. 1936, p. 1.

<sup>6</sup> A *Ofensiva*, Rio de Janeiro, 30 set. 1936, p. 1.

de 1930 em uma série de veículos (Cardoso, 2015). *História e Tradições*, publicado em 1953, será produzido de forma concomitante à atividade de jornalista.

Suas primeiras décadas de vida mostram que Ernani Silva Bruno era socialmente muito bem conectado desde cedo, tendo relações com juristas, políticos, escritores e jornalistas de proeminência nacional. Presença comum em eventos organizados pela imprensa ou pela comunidade literária de São Paulo e do Rio de Janeiro, estava frequentemente envolvido em jantares e premiações a escritores e poetas.<sup>7</sup> Esse trânsito no ambiente erudito não impedia seu interesse também pela cultura popular, e Silva Bruno chegou a compor alguns sambas sob o pseudônimo de Damião Cosme.<sup>8</sup> Um pouco mais à frente, por sinal, uma matéria jornalística da década de 1950 o citará como um dos maiores conhecedores da música popular brasileira e mencionará sua admiração por J. B. Carvalho, cantor e compositor carioca notabilizado por gravar corimas e pontos de macumba.<sup>9</sup>

Costumes de matriz africana, por sinal, figuram entre os objetos de seus escritos. Em 1938 publica o artigo *Tradições que ficaram dos tempos de cativo: Mogi das Cruzes e suas congadas*.<sup>10</sup> Nesta época a atuação profissional como jornalista se fortalece, e a rede de contatos de Ernani se amplia cada vez mais, ao trabalhar com nomes como Mario Neme, Luiz de Araujo Faria, Otavio Mendes Cajado, Juvenal Rodrigues de Moraes, Mario Miranda Rosa, Osvaldo Mariano, Osmar Pimentel, Edmundo Rossi, Freitas Nobre e Francisco Carlos de Castro Neves.<sup>11</sup>

Em suma, além do intelectual em formação, dotado de grande interesse por temas ligados à cultura nacional, o que estes anos iniciais da trajetória nos mostram é um personagem de relativa complexidade, que de um lado se alinha a movimentos de matiz autoritário e repressivo em termos de liberdade de ideias, como foi o integralismo, e de outro se relaciona com um amplo leque de figuras representativas do meio intelectual. Destas características, a segunda se manterá por toda a trajetória, como veremos.

---

<sup>7</sup> Correio Paulistano, São Paulo, 4 out. 1938, p. 6; A Noite, Rio de Janeiro, 26 ago. 1940, entre outros.

<sup>8</sup> Gazeta Esportiva, São Paulo, 24 mar. 1956, p. 26.

<sup>9</sup> Gazeta Esportiva, São Paulo, 2 fev. 1957, p. 22.

<sup>10</sup> A Carioca, Rio de Janeiro, 7 mar. 1938, p. 8-9

<sup>11</sup> Gazeta Esportiva, São Paulo, 31 mai. 1958, p. 31.

## 2. Anos 40: trocas intelectuais anteriores a *História e Tradições*

O início da década de 1940 marca a estabilização profissional de Ernani Silva Bruno como jornalista: a partir daqui e pelas décadas seguintes, ele atuará de forma continuada no *Jornal da Noite*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha da Manhã* e *Diário de São Paulo*. Na mesma época também surgem outras oportunidades de trabalho: em fevereiro de 1941 o Departamento Estadual de Imprensa e Propaganda (DEI) o contrata como redator interino,<sup>12</sup> cargo no qual ele será efetivado quatro meses depois.<sup>13</sup> Sua recente atuação da AIB, agremiação política banida pelo governo Vargas, não impediu a nomeação como funcionário do governo estadual sob intervenção do Estado Novo. Durante sua passagem pelo DEI, Silva Bruno foi chefe do serviço de “copyright” e Diretor de Turismo e Expansão Cultural.<sup>14</sup> Também esta passagem de sua vida será minimizada no livro de memórias, em que ele dirá que “felizmente não nos cabia defender a sinistra ideologia inventada por Francisco Campos,<sup>15</sup> mas redigir pequenas notas registrando as medidas que eram postas em prática pela administração estadual” (Bruno, 1986, p. 162).

Seja como for, a passagem por um movimento político como o integralismo e a posterior atuação como funcionário da ditadura Vargas não parecem ter sido suficientes para indispor-lo com o campo intelectual, com o qual continua mantendo intensas trocas. Nos anos 1940 o autor figura como membro e conselheiro fiscal da Sociedade dos Escritores brasileiros, frequentando inúmeras solenidades organizadas por essa instituição.<sup>16</sup> Nesse mesmo contexto, em 1947 representou São Paulo no II Congresso Brasileiro de Escritores, acompanhado por Sergio Buarque de Holanda, Paulo Mendes de Almeida, Mario Neme e Antonio Candido.<sup>17</sup> Anos antes chegara a ser votado para representar São Paulo no I Congresso Brasileiro de Escritores, no

---

<sup>12</sup> Correio Paulistano, São Paulo, 15 fev. 1941, p. 2.

<sup>13</sup> Correio Paulistano, São Paulo, 17 jun. 1941, p.3.

<sup>14</sup> Jornal de Notícias, São Paulo, 25 mar. 1947, p. 10.

<sup>15</sup> Refere-se a Francisco Luís da Silva Campos (1891-1968), Ministro da Justiça de Getulio Vargas e encarregado da redação da Constituição de 1937.

<sup>16</sup> Correio Paulistano, São Paulo 14 mar. 1942, p.3; 12 dez. 1942, p. 3.

<sup>17</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 5 out. 1947, p. 2.

entanto não foi eleito, perdendo para Oswald de Andrade, Mario de Andrade e Monteiro Lobato.<sup>18</sup>

Quanto à sua produção intelectual no período, em 1941 teve seu artigo *Notas de Caderno* publicado na revista quinzenal *Planalto*, ao lado de textos de Mario de Andrade, Sergio Milliet, Hélio Damante, Oscar Cerruto, além de ilustrações de Di Cavalcanti.<sup>19</sup> No mesmo ano publicou no jornal *O Estado de S. Paulo* o artigo *São Paulo visto por Davatz*,<sup>20</sup> em que explora o potencial do livro de memórias do imigrante suíço Tomas Davatz como fonte histórica para o estudo da formação econômica e social de São Paulo, por conta da qualidade de “reportagem” do texto, embora também aponte que seu conteúdo incorre em exageros que precisam ser reconhecidos. Não é difícil enxergar aí certo pensamento de historiador: a valorização da fonte, a preocupação com sua crítica.

É nos anos 1940, também, que Ernani Silva Bruno se torna fonte para outros autores. Apesar de *História e Tradições* (1953) ser com certeza seu texto mais citado, mais de uma década antes já vemos outros textos seus sendo referenciados como fonte bibliográfica. O artigo *O mouro e o árabe influenciando em nossa formação*, de Sebastião Almeida Oliveira, publicado em 1941 no Boletim da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro (Oliveira, 1941) menciona em suas referências *O Brasil visto por Koster*, de Bruno, ao lado de *Casa Grande e Senzala* e *Novos Estudos Afro-Brasileiros*, de Gilberto Freyre, e do artigo *Geografia*, de Caio Prado Júnior. Silva Bruno, portanto, não só é citado, mas é citado ao lado de intelectuais e historiadores amplamente reconhecidos.

Da mesma forma, em 1943, reportagem da revista *Autores e Livros*, intitulada *Algumas fontes sobre Cassiano Ricardo*,<sup>21</sup> menciona Ernani Silva Bruno entre os autores recomendados, ao lado de Gilberto Freyre e Olavo Bilac. O artigo de sua autoria indicado é *A formação social do Planalto*, publicado no mesmo ano no jornal carioca *A Manhã*. Por fim, no Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal de São Paulo, publicado em 1944 com o intuito de recomendar livros para a rede municipal de ensino, o nome de

---

<sup>18</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 23 dez. 1944, p. 7.

<sup>19</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 7 set. 1941, p. 9.

<sup>20</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 2 out. 1941, p. 4.

<sup>21</sup> A Manhã, Rio de Janeiro, 4 jul. 1943, suplemento Autores e Livros, p.13.

Silva Bruno é sugerido ao lado dos de Antonio Candido, Afonso de Taunay, Antonio Carlos Machado e, mais uma vez, Gilberto Freyre.<sup>22</sup>

A importância dos nomes que o acompanham quando é citado, portanto, denota que desde cedo Silva Bruno esteve ao lado de autores importantes, não só no âmbito social, como já vimos, mas também no reconhecimento enquanto intelectual.

A década de 1940 decerto foi produtiva para ele: quase cinquenta artigos completos foram localizados em nossa pesquisa em jornais da época, número que possivelmente representa apenas parcela da produção desses anos. Em entrevista ao tabloide carioca *Flan*, em 1953, Ernani afirmará que foi provavelmente 1942 o ano em que começou a se interessar particularmente pela história de São Paulo e a fazer estudos e pesquisas e publicar artigos sobre esse assunto.<sup>23</sup>

Com efeito, a partir de 1942 destacam-se suas contribuições em forma de artigo nas páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*. Publicados com frequência, estes textos obedecem a um padrão bastante similar àquele que consagraria o autor na década seguinte com sua obra emblemática sobre São Paulo: uma temática quase sempre relacionada a elementos culturais e sociais da história do Brasil, especialmente de São Paulo, e um método de trabalho baseado no uso de fontes de diversas naturezas, abrangendo desde a consulta a historiadores “clássicos” ou consagrados e documentos oficiais como atas de câmara, até a utilização de diários de viajantes e relatos de cronistas. Muitos de seus textos da década de 1940 buscam discutir a importância de narrativas pessoais para a compreensão do contexto social de épocas passadas, trazendo análises de relatos de viajantes como Spix, Martius, Saint-Hillaire, Koseritz, Mawe, Zaluar, Ribeyrolles, entre outros.<sup>24</sup> Além de explorar exaustivamente como fonte obras de cunho testemunhal, o autor publica uma variedade de textos muito se assemelham em conteúdo

---

<sup>22</sup> O Observador Econômico e Financeiro, Rio de Janeiro, jun. 1944, p. 141.

<sup>23</sup> Flan, Rio de Janeiro, 2 a 9 jan. 1954, p. 30.

<sup>24</sup> Entre 1941 e 1946, Ernani Silva Bruno publicou no jornal *O Estado de S. Paulo*, uma série de dez artigos analisando relatos de estrangeiros e viajantes, a saber: *S. Paulo visto por Saint-Hillaire I* (7 dez. 1941), *S. Paulo Visto por Saint-Hilaire II* (21 dez. 1941), *Ribeyrolles na Província do Rio de Janeiro* (4 fev. 1942), *Rugendas na Província de Minas Gerais* (17 fev. 1942), *A peregrinação de Zaluar pela província de São Paulo* (4 nov. 1943), *São Paulo visto por Koseritz* (19 out. 1944), *A província de São Paulo vista por Spix e Martius* (22 fev. 1945), *A tradução do livro de Mawe e suas notas sobre São Paulo* (14 fev. 1946), *Alguns franceses na cidade de SP* (28 mar. 1946) e *Alguns alemães na cidade de SP* (6 abr. 1946).

ao que, mais tarde, seria apresentado por ele em *História e Tradições da Cidade de São Paulo*.

A importância de negros e indígenas na formação do país foi abordada em *A 'Bandeira' na formação do Brasil*, artigo de 1943 em que o autor fundamentalmente resenha a obra *Marcha para Oeste*, de Cassiano Ricardo, publicada três anos antes.<sup>25</sup> Além desse texto, o trabalho *Alguma coisa sobre escravidão e o negro no Vale do Paraíba*, publicado em três partes,<sup>26</sup> fundamenta-se em pesquisa documental baseada na coleção histórica do jornal *Diário do Norte*, a que Silva Bruno teve acesso. Nesta análise o autor mescla e contrasta diversas outras fontes: documentos oficiais, atas, diários e também textos de autores como Gilberto Freyre, Nina Rodrigues e Joaquim Floriano de Godoy.

Os artigos *Elementos brasileiros na poesia de Álvares de Azevedo*, de 1943,<sup>27</sup> *Apontamentos sobre a cidade e a casa de São Paulo no século XIX*, de 1944<sup>28</sup> e *Alguns aspectos da casa paulistana há meio século*, de 1950,<sup>29</sup> tocam em temas relativos à casa brasileira cerca de trinta anos antes de Ernani Silva Bruno assumir o desafio de criar o museu paulistano voltado a esse assunto. Como fontes de pesquisa para essas publicações, novamente o autor mescla registros de viajantes do século XIX com autores com Sergio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Junior.

Há ainda um claro interesse de Bruno em discutir aspectos da formação social, histórica e cultural do país a partir das representações na literatura e nas artes. Seus principais textos com essa feição de história cultural são *O Brasil no teatro cômico de Martins Pena*, de 1943,<sup>30</sup> *Coelho Neto escritor nacional*, de 1944,<sup>31</sup> *Rosaura, a enjeitada e a cidade de S. Paulo*, de 1949,<sup>32</sup> e *Dois álbuns de desenhos do Rio de Janeiro antigo*, de 1944.<sup>33</sup>

---

<sup>25</sup> A Manhã, Rio de Janeiro, 28 fev. 1943, p. 4.

<sup>26</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 jul. 1944, p. 4; 20 jul. 1944, p. 4; 22 jul. 1944, p. 4.

<sup>27</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 9 dez. 1943, p. 4.

<sup>28</sup> O Estado de São Paulo, São Paulo, 30 mar. 1944, p. 4.

<sup>29</sup> Jornal de Notícias, São Paulo, 4 jun. 1950, p. 2.

<sup>30</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 30 dez. 1943, p. 4.

<sup>31</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 18 mar. 1944, p. 4.

<sup>32</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 9 jan. 1949, p. 5.

<sup>33</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 29 nov. 1944, p.4.

Há ainda uma série de 25 artigos, publicados entre 1944 e 1949,<sup>34</sup> que são os que mais se assemelham com a parte conhecida de sua obra. São trabalhos que tratam elementos da urbanização e da vida cotidiana, principalmente de São Paulo, sob as mais diversas perspectivas. Entre os temas abordados, encontramos: processos históricos de urbanização em São Paulo e no interior; origens da denominação de ruas na cidade; industrialização; comércio, lojas, mercados, quitandas e vendedores ambulantes; iluminação pública; igrejas, capelas e conventos; águas, chafarizes e reservatórios; história das pontes da cidade; consumo e produção de bebidas alcoólicas; incêndios e procedimentos de combate ao fogo; cadeirinhas, carruagens e outros modos de transporte; hospedarias e hotéis; livros e livrarias; anúncios de publicidade; música, instrumentos musicais e dramas, entre outros.

Esse tipo de produção – com interesse voltado a temas de cotidiano – recebeu reconhecimento por ocasião do Prêmio Fábio Prado de 1948, organizado pela União Brasileira de Escritores. Ernani Silva Bruno concorreu com o ensaio *Retrato de uma capital de província* e foi contemplado com o segundo lugar no concurso, perdendo apenas para Florestan Fernandes.<sup>35</sup> Em entrevista concedida à imprensa em fevereiro de 1949, pouco antes da divulgação dos vencedores, Bruno descreveu seus interesses, fontes e método de produção:

Há vários anos venho me interessando pelo passado da cidade de São Paulo e particularmente pelo século dezenove paulistano. Escrevi mesmo a respeito uma série de artigos para jornais ou revistas. O material utilizado para redigir esses artigos – acrescido de documentação que reuni depois, me levou a tentar o ensaio com que agora estou concorrendo ao Prêmio Fábio Prado de 1948. [...] Os vários capítulos do livro focalizam – como já disse – a cidade de São Paulo no século passado. Suas ruas, seus largos e seus jardins. Os caminhos, as pontes, os carros. Os rios, as fontes, os chafarizes. As chácaras e os subúrbios, A iluminação. As quitandas, os mercados e as lojas. As hospedarias e os cafés. As fábricas. As diversões e os esportes. Os costumes e os padrões de vida em sociedade. Todos esses aspectos da instância da cidade foram estudados ao longo de um século, com as transformações que foram passando desde o fim do período colonial até os primeiros anos do regime republicano.<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> São 25 títulos, todos publicados em O Estado de São Paulo, sendo o primeiro *A cidade e a fazenda na formação da 'Zona Norte' paulistana* (2 nov. 1944, p. 4), e o último *O piano, o violino e o drama no século XIX em São Paulo* (24 jul. 1949, p. 9).

<sup>35</sup> Jornal de Notícias, São Paulo, 1 mai. 1949, p. 9.

<sup>36</sup> Jornal de Notícias, São Paulo, 6 fev. 1949, p. 9.

Sobre as fontes, na mesma entrevista o autor as divide em quatro grupos: depoimentos de viajantes-cronistas estrangeiros, sobretudo da primeira metade do século XIX.; “enorme documentação reunida por pesquisadores infatigáveis”, referindo-se a Azevedo Marques, J. Jacinto Ribeiro, Antonio Egydio Martins, Afonso de Freitas, Afonso de Taunay, entre outros; livros de memórias, diários e autobiografias de pessoas que viveram na cidade ou que tiveram relação com ela, e por último o que chamou de “trabalhos de evolução como os de E. V. Pereira de Souza”.<sup>37</sup>

Está gestado nos anos 1940, assim, um método de trabalho e de tratamento de fontes no qual em boa parte se baseará, como veremos, a elaboração da obra mais conhecida do autor, *História e Tradições da Cidade de São Paulo*.

### **3. História e Tradições da Cidade de São Paulo**

Os anos 1950 marcam um dos momentos mais importantes da carreira de Silva Bruno, com a publicação da obra *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Em artigo na imprensa em fevereiro de 1954, o escritor Manoel José Gondin da Fonseca conta como se deram as tratativas entre o autor e o editor José Olympio Pereira Filho, que resultariam na confecção da obra. Em tom sutilmente irônico, após alguns comentários sobre a personalidade do editor, Fonseca descreve a cena, em 1948, em que José Olympio e Ernani se encontram pela primeira vez:

Ernani Silva Bruno foi-lhe talvez apresentado pelo Gilberto Freire. Ele recebeu-o após uma espera de, pelo menos, vinte minutos. [...] – “Então o senhor é que é o ilustre Ernani Silva Bruno... Muito bem. De São Paulo mesmo? Ah! Mooca. Não, eu não nasci na Pauliceia. Morei lá apenas. Sou do interior. O Gilberto falou-me do seu livro. Deixe os originais. Eu vou lê-los. Procure-me dentro de uma semana. Boa tarde.”<sup>38</sup>

---

<sup>37</sup> Jornal de Notícias, São Paulo, 6 fev. 1949, p. 9. Ernani se refere a Everardo Valim Pereira de Souza, autor também citado em *História e Tradições da Cidade de São Paulo* e também referenciado por Benedito Lima de Toledo (1996) em seu estudo *Prestes Maia e as origens do urbanismo em São Paulo*. Não é claro o que ele chama aqui de “trabalhos de evolução”, possivelmente uma referência ao fato de o autor citado analisar o desenvolvimento ou evolução da cidade.

<sup>38</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 16 fev. 1954, p. 6.

Apesar da “acolhida fria e breve, capaz de gelar o entusiasmo do pretendente” como Fonseca descreveu, dias depois Ernani voltava a visitar José Olympio e desta vez é surpreendido com uma reação muito positiva e um convite entusiasmado:

– “O seu trabalho encantou-me. Você vai fazer-me um favor: ampliá-lo. Publicaremos uma obra monumental para o Quarto Centenário”. E foi assim que nasceu a magnífica “História e Tradições da Cidade de São Paulo”, de Ernani Silva Bruno.<sup>39</sup>

Embora tenha um caráter anedótico, com traços de exagero, a história contada por Fonseca coincide com relatos feitos por José Olympio e também por Bruno. A versão do editor, muito resumida, está nas “Notas dos Editores à Primeira Edição” do livro (Bruno, 1953, s/p). A de Ernani é fornecida em entrevista concedida em 1953:

Em 1947-48 escrevi “Retrato de uma Capital de Província” (ensaio sobre a história paulistana durante o século passado), cujo manuscrito recebeu de Gilberto Freire, em notas à segunda edição de “Sobrados e Mucambos”, referências muito animadoras. O editor José Olympio se interessou pelo livro, mas sugeriu que eu estendesse as minhas pesquisas a todas as fases da história de São Paulo, desde sua fundação. Foi o que fiz, entregando àquela editora os originais de “História e Tradições da Cidade de São Paulo” em janeiro desse ano.<sup>40</sup>

O livro começou a receber resenhas positivas tão logo foi publicado. Segundo o crítico Otto Schneider, a obra trazia uma empolgante história de São Paulo como fenômeno social e sociológico, em um “grandioso panorama, ainda sem parágrafo no mundo”.<sup>41</sup> Outro crítico, Hélio Damante, afirmou que o livro surgia “da fusão da história e da sociologia, nos moldes em que Gilberto Freire nos deu ‘Casa Grande e Senzala’ e ‘Sobrados e Mucambos’”.<sup>42</sup> Outro ainda, Hércio Carvalho de Castro, chamou a obra de Silva Bruno de “sem dúvida, a melhor obra já aparecida sobre esse assunto nestas latitudes”.<sup>43</sup> Não foi incomum que se afirmasse, como fez o *Jornal de*

---

<sup>39</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 16 fev. 1954, p. 6.

<sup>40</sup> Flan, Rio de Janeiro, 2 a 9 jan. 1954, p. 30.

<sup>41</sup> Revista da Semana, Rio de Janeiro, 16 jun. 1954, p. 43.

<sup>42</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 18 mar. 1954, p.4.

<sup>43</sup> Correio da Manhã, São Paulo, 14 fev. 1954, p.1.

*Letras* em abril de 1954, que a obra colocava o autor “na mesma plana em que estão os nossos principais historiadores”.<sup>44</sup>

Sucesso de crítica, *História e Tradições da Cidade de São Paulo* ganhou fama entre os livros de história da época, sendo divulgado exaustivamente em jornais e passando a ser recomendado como bibliografia pedagógica para aulas de história pela *Revista do Professor*, órgão do Centro do Professorado Paulista.<sup>45</sup> O sucesso também trouxe ao autor notoriedade para além do círculo intelectual e literário: junto com o editor José Olympio, recebeu homenagem na Câmara Municipal<sup>46</sup> e foi convidado ao escritório do governador de São Paulo para entregar-lhe pessoalmente um exemplar do livro.<sup>47</sup>

Na sua estrutura e subdivisões, *História e Tradições* tem particularidades que têm sido comentadas por historiadores como Viviane Cardoso (2015). De um lado, o livro se organiza em três volumes e um apêndice, os quais se referem cada qual a um período cronologicamente bem delimitado (respectivamente, 1554-1828, 1828-1872, 1872-1918 e 1918-1953), compondo uma periodização linear bastante convencional. De outro, apesar da linearidade cronológica estabelecida pela divisão entre os volumes, a forma como estes são internamente organizados é inovadora para a época. Fugindo a uma organização mais tradicional da narrativa, em função de “grandes datas” ou “grandes nomes”, o autor opta por uma divisão temática, em que aborda a habitação, a alimentação, os transportes, as artes etc., temas de interesse próprios de uma historiografia menos tradicional, mais voltada a aspectos da vida anônima e cotidiana. Os três volumes ainda se comunicam tematicamente por meio de sua estrutura interna, como Viviane Cardoso explica:

Nos três volumes, os capítulos possuem temáticas correspondentes entre si. Assim temos, por exemplo, os primeiros capítulos dos três volumes tratando das moradias, cujos títulos são: *A Rótula sobre a Taipa; Os Sobrados e os Balcões; e Os Palacetes e os Chalés*. Os demais capítulos seguem a mesma lógica, privilegiando temas que versam sobre o desenvolvimento das estradas, dos transportes e das artes, traçando um panorama comparativo entre os três períodos em que o autor dividiu a história de São Paulo (Cardoso, 2015, p. 157).

---

<sup>44</sup> Jornal das Letras, Rio de Janeiro, abril 1954, p. 15.

<sup>45</sup> Revista do Professor, São Paulo, mai. 1955, p. 25.

<sup>46</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 3 abr. 1954, p. 12; O Jornal, Rio de Janeiro, 30 mai. 1954, p. 3.

<sup>47</sup> Folha da Manhã, 17 fev. 1954, p. 1.

Para Murillo Marx, isto constitui um claro elemento de modernidade no trabalho de Ernani Silva Bruno: o autor não só mereceria o qualificativo de historiador, mas seria um historiador afinado com as novas correntes da historiografia:

Não procurou acompanhar o desfile das mais destacadas personagens do nosso passado, nem a sucessão de eventos mais excepcionais e retumbantes. Pelo contrário – e ao contrário da nossa historiografia tradicional mais frequente –, preferiu perseguir o cotidiano do homem comum e o seu trajeto áspero, obscuro e anônimo neste planalto (Marx, 1987, p. 137).

Porém Viviane Cardoso prossegue, contrapondo a essa modernidade uma outra característica de Silva Bruno: o autor por vezes adere a representações ufanistas, de protagonismo ou centralidade de São Paulo na história do Brasil, presente em historiadores tradicionais como Afonso de Taunay. É possível interpretar que esteja aqui, ao menos em parte, a razão da recusa, por historiadores de linhagens mais modernas ou críticas, a incluir Ernani Silva Bruno no campo historiográfico. Mesmo com a inovação nos temas e na estrutura, e apesar do cuidado metodológico com as fontes, a adesão que o autor faz a tais representações torna a São Paulo representada por ele “uma cidade que desenvolveu habilidades próprias e se tornou especial dentro do próprio país” (Cardoso, 2015, p. 157).

Vê-se, assim, a relativa complexidade do principal livro de Ernani Silva Bruno: se de um lado se distancia da historiografia mais tradicional na estrutura narrativa da obra e na seleção de temas relacionados à vida cotidiana e à cultura, de outro se alinha a essa mesma historiografia, aqui representada por Taunay, na produção ou reprodução de representações ufanistas. A complexidade se mantém nas fases seguintes da trajetória do autor, como se verá.

#### **4. Anos 1950: Legado de *História e Tradições* e novos projetos**

Apesar da dedicação de Ernani Silva Bruno para concluir *História e Tradições* para o lançamento por ocasião do IV Centenário conforme a encomenda do editor, este não foi seu único trabalho em andamento nos primeiros anos da década de 1950. Paralelamente, o autor continuou a

produzir artigos relativos a temas históricos para *O Estado de S. Paulo*, até meados de 1953. Não foi possível localizar textos completos em periódicos nos anos seguintes, sugerindo um possível hiato na produção, pois somente em 1956 novos artigos do autor ressurgem na imprensa. Desta vez na *Folha da Manhã*, em série semanal e com perfil similar aos artigos que ele costumara publicar na segunda metade da década de 1940.

Algumas das publicações feitas já na década de 1950, porém anteriores à publicação de *História e Tradições*, sugerem um método de trabalho de Silva Bruno: parte das fontes pesquisadas para a produção do livro era inicialmente aproveitada em artigos para jornais ou submetidos a concursos. Este é o caso do artigo *Ensaio sobre a história da cidade de São Paulo*, o qual recebeu menção honrosa na entrega do Prêmio Fábio Prado no ano de 1951.<sup>48</sup>

Outro indício desse aproveitamento da matéria-prima de sua obra maior são dois artigos publicados em *O Estado de São Paulo*, intitulados *Quando a vila de São Paulo era arraial de sertanistas*<sup>49</sup> e *De burgo de estudantes a esboço da metrópole*<sup>50</sup>. Além dos títulos muito similares aos de volumes de *História e Tradições*, estes dois artigos, se analisados com atenção, parecem ser em seu conteúdo do que uma pequena síntese daquilo que estaria por vir nas 1500 páginas da futura obra. São um degrau intermediário, portando, no processo de elaboração do livro.

Vanderli Custódio (2011), ao pesquisar documentos do fundo pessoal do autor hoje incorporado ao acervo do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, e sobretudo seu fichário, faz conclusão semelhante. Para a autora, Silva Bruno seguia um método de trabalho caracterizado pela pesquisa textual e iconográfica em documentos existentes em arquivos e bibliotecas, seguida pelo registro de apontamentos manuscritos em fichas, pela redação de artigos de jornal, e finalmente pela autoria de livros com uso dos artigos de jornal e das fichas.

De maneira menos explícita, outros artigos também parecem fazer parte do mesmo exercício prévio para o livro de 1953. Cerca de dez artigos publicados em *O Estado de São Paulo* abordam temas de cotidiano, os

---

<sup>48</sup> Letras da Província, Limeira, mai. 1951, p. 6.

<sup>49</sup> O Estado de S. Paulo, 12 fev. 1951, p. 2.

<sup>50</sup> O Estado de S. Paulo, 14 dez. 1952, p. 63.

quais, como visto, já haviam sido explorados por Bruno na década anterior.<sup>51</sup> As referências mobilizadas para a produção desses artigos estão, em sua totalidade, presentes também na bibliografia de *História e Tradições*.

E, além da pesquisa e produção de artigos, percebe-se que o autor também participava de outros projetos. No contexto das comemorações do IV Centenário, sob a coordenação do historiador português Jaime Cortesão, uma equipe de intelectuais recebeu a tarefa de organizar a “Exposição da história de São Paulo no quadro da história do Brasil” no recém-inaugurado Parque do Ibirapuera.<sup>52</sup> Eram assistentes do professor Jaime Cortesão, “o jornalista Mario Neme, o historiador Ernani Silva Bruno e o artista Manuel de Almeida e Vasconcelos”.<sup>53</sup>

Também nessa época, Silva Bruno voltou a participar do Congresso Brasileiro de Escritores, agora em sua terceira edição, ao lado de nomes como Oswald de Andrade, Sergio Buarque de Holanda, Jaime Cortesão, Antonio Candido, entre outros, além de se manter ativo na Sociedade Paulista de Escritores.<sup>54</sup> Outra atuação sua nesta época (e por boa parte da vida) foi a de membro de comissões julgadoras em prêmios literários como o Prêmio Fábio Prado, o Prêmio Monteiro Lobato e o Prêmio Jabuti – aqui também atuando ao lado de intelectuais reconhecidos.<sup>55</sup>

Ernani não submeteu seu livro *História e Tradições da Cidade* ao concurso realizado pela comissão organizadora do IV Centenário de São Paulo, segundo ele próprio explica,<sup>56</sup> pois isso conflitaria com o acordo de publicação que fizera com o editor José Olympio. Mas submeteu um outro texto seu, *Café e Negro*, sob o pseudônimo de João das Palmas.<sup>57</sup> O livro foi desclassificado por ter sido inscrito na categoria Monografia Econômica,

---

<sup>51</sup> Compõem esta série: *Sobre algumas epidemias em São Paulo no Século XVIII* (22 mar. 1951), *O tempo dos chafarizes na cidade de São Paulo* (6 mai. 1951), *Notas para a história das indústrias de S. Paulo* (11 nov. 1951); *Origem e caráter da vila de São Paulo de Piratininga* (23 dez. 1951), *Abastecimento e alimentação no oitocentismo paulistano* (9 mar. 1952), *sobre comércio e lojas no oitocentismo paulista* (30 mar. 1952), *A cidade e a Academia na história das letras* (26 out. 1952), *sobre a restauração da igreja da Escada* (25 jan. 1953), *O repertório teatral oitocentista em São Paulo* (8 fev. 1952), *Um aspecto da formação de São Paulo* (8 mar. 1953), todos publicados em O Estado de S. Paulo.

<sup>52</sup> Correio Paulistano, São Paulo, 26 jul. 1954, p. 4.

<sup>53</sup> Diário Nacional, São Paulo, 26 jul. 1954, p. 4.

<sup>54</sup> Letras da Província, Limeira, mai. 1952, p. 7.

<sup>55</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 24 fev. 1954, p. 14; Letras da Província, Limeira, mar. 1954, p. 7; Diário Nacional, São Paulo, 21 nov. 1959, p. 6; O Estado de S. Paulo, São Paulo, 7 mar. 1956, p. 6; Folha da Manhã, São Paulo, 18 mar. 1956, p. 5.

<sup>56</sup> Correio Paulistano, São Paulo, 12 jul. 1953, p. 1.

<sup>57</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 5 out. 1953, p. 2.

quando na verdade foi considerado um estudo histórico. Este trabalho (Bruno, 2005) viria a ser publicado apenas postumamente, mais de meio século depois.

Uma vez publicado, *História e Tradições da Cidade de São Paulo* exerceu uma marcante influência na produção de textos sobre o passado paulistano em jornais e revistas. Apesar desse tipo de produção não ser inédito na imprensa antes dos anos 1950, é durante essa década que ocorre um *boom* de publicações abordando a temática. Pode-se argumentar que o crescimento se deu por conta das comemorações do IV Centenário da cidade em 1954, que despertaram o interesse. No entanto, o livro de Ernani Silva Bruno tem uma participação crucial nesse processo: verificando as fontes citadas pelos autores dos artigos que surgem em periódicos na época, é surpreendente como a maioria, senão todos, citam *História e Tradições da Cidade de São Paulo*. Enquanto uns mesclavam referências à obra de Silva Bruno e a textos de outros autores, outros simplesmente reproduziam análises de Ernani, adaptando-as na linguagem e citando a fonte. Quando outros autores eram citados, muitas vezes a citação era feita indiretamente, por meio da obra de Silva Bruno. Textos assinados por Raimundo de Menezes,<sup>58</sup> Wilson Martins,<sup>59</sup> Francisco Pati,<sup>60</sup> Fernando Góes,<sup>61</sup> além de autores de artigos não assinados<sup>62</sup> claramente basearam-se em trechos de *História e Tradições* para elaborar relatos sobre o passado paulistano. Mesmo Gilberto Freyre utilizou Ernani Silva Bruno como referência para textos seus, sendo um deles nos Cadernos do Congresso Mundial pela Liberdade da Cultura.<sup>63</sup>

O jovem autor de artigos de jornais que Ernani Silva Bruno fora nos anos 1940 subira de patamar, transformando-se em referência a respeito do passado paulistano. Não somente um autor referência, mas um autor alçado a “grande historiador moderno”, como começa a ser chamado.<sup>64</sup> O historiador português Jaime Cortesão, mentor de Bruno e de quem, como

---

<sup>58</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 28 fev.1954, p. 1; 07 mar. 1954, p.12.

<sup>59</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 08 jul. 1954, p. 6; 15 jul. 1954, p. 6;

<sup>60</sup> Correio Paulistano, São Paulo, 22 out. 1954, p. 4; 27 out. 1954, p. 4; 09 nov. 1954, p. 4.

<sup>61</sup> Correio Paulistano, São Paulo, 19 set. 1959, p. 6.

<sup>62</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 24 jan. 1954, p. 10; 26 jun. 1954, p. 17; Correio Paulistano, São Paulo, 12 set. 1954, p. 8; 09 jan. 1955, p. 4.

<sup>63</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 01.01.1954, p. 7.

<sup>64</sup> O Novo Horizonte, São Paulo, set. 1954, p. 1.

vimos, ele foi assistente, chama-o de “escritor e historiador paulista, homem de primeira categoria”.<sup>65</sup>

Na segunda metade da década de 1950, depois do supracitado hiato na produção de artigos, Silva Bruno retorna aos jornais, com textos nos moldes dos que costumara publicar antes de *História e Tradições*, porém com novo foco temático: uma série deles aborda a história de outras cidades do estado de São Paulo, e não mais da capital. Esta série, publicada na *Folha da Manhã*, estende-se de novembro de 1956<sup>66</sup> a novembro de 1959,<sup>67</sup> com pelo menos 20 artigos, cada qual dividido em até 6 partes, publicadas semanalmente.

Ao final da década, o autor premiado – pois recebe em 1958 a medalha Silvio Romero, oferecida por comissão do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura da UNESCO<sup>68</sup> – olhava para o futuro com novos projetos. Entre os anos de 1958 e 1959, Silva Bruno lança pela editora Cultrix uma coleção de livros intitulada *História e Paisagens do Brasil*, com seleção de textos, introdução e notas assinadas por ele. Trata-se de uma “antologia das regiões através da literatura”. Dividida em dez volumes, a série reúne trechos de diários de viagens e contos literários para ilustrar as regiões do Brasil. Segundo o próprio autor, a intenção do projeto era ressaltar o valor do texto literário como fonte para o historiador social:

O que importa é que nos textos reproduzidos nesta coletânea de volumes se reflitam a paisagem, a casa, a comida, a roupa, as formas de atividade econômica e de relações sociais, os costumes, a língua, as artes, as crenças de cada região – no passado e no presente. A intenção era, por consequência documentária ou documentativa: mas a ficção é, também, para o historiador social, um “documento”.<sup>69</sup>

Além de *História e Paisagens do Brasil*, Ernani também publica na mesma época, pela Editora Globo, o livro hoje raro *Lembrança de São Paulo*, com textos do próprio autor e plantas do centro e arredores da cidade desenhadas por Rodolfo Ira.<sup>70</sup> São escassas as informações a respeito desse livro, e os poucos detalhes obtidos foram encontrados em um site de leilões.

---

<sup>65</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 03 fev. 1955, p. 7; 17 fev. 1955, p. 5.

<sup>66</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 18 nov. 1956, Atualidades e Comentários, p. 1.

<sup>67</sup> Folha da Manhã, São Paulo, 25 nov. 1959, Atualidades e Comentários, p. 1.

<sup>68</sup> O Estado de São Paulo, São Paulo, 26 set. 1958, p. 11.

<sup>69</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 04 abr. 1959, p. 2.

<sup>70</sup> Revista do Livro, Rio de Janeiro, jan. 1959, p. 289.

Trata-se de um pequeno volume, publicado em 1959, com apenas 63 páginas.

## 5. Anos 60 e 70: História do Brasil e a Casa Brasileira

A década de 1960 começa para Ernani Silva Bruno com convites para atuação nas mais variadas instituições com atividades relacionadas à pesquisa história. Em 1960, torna-se conselheiro do Instituto Histórico e Geográfico de Guarujá-Bertioga;<sup>71</sup> no mesmo ano, faz parte do grupo signatário fundador do Clube Mario de Andrade, em São Paulo.<sup>72</sup> Um ano depois, organiza a Exposição de Artes e Técnicas Populares do Museu do Folclore, em São Paulo, ao lado de seu colega de longa data, o escritor e museólogo Mario Neme,<sup>73</sup> que nesta altura atuava como diretor do Museu Paulista (Silva, 2014). À mesma época, também foi convidado para uma série de conferências e debates sobre aspectos artísticos da cidade de São Paulo, sendo debatedor ao lado da geógrafa e professora da Universidade de São Paulo Nice Lecocq Muller.<sup>74</sup> Sua atuação se estende a outras regiões do Brasil, onde foi organizador do Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Goiás.<sup>75</sup>

No aspecto publicações, os anos 1960 são a década dos títulos menos conhecidos dentre os escritos e organizados pelo autor. Em matéria de 1963, o *Diário da Noite* (Rio de Janeiro) menciona o álbum *Imagens da Formação do Brasil*, fazendo referência à versatilidade do autor, cuja forma de trabalho não se limitava às palavras, mas também à abordagem histórica por meio de imagens.<sup>76</sup> Outro título pouco conhecido é a obra de caráter enciclopédico intitulada *História do Brasil, Geral, Regional*, de 1967, na qual Silva Bruno apresenta um panorama da história do Brasil com uma visão, em seus próprios termos “diferente, variada e agradável. Misturando história e sociologia, etnografia e ecologia humana”.<sup>77</sup>

---

<sup>71</sup> Diário Nacional, São Paulo, 08 abr. 1960; Correio Paulistano, São Paulo, 07 jun. 1960.

<sup>72</sup> Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 25 ago. 1960.

<sup>73</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 29 jul. 1961, Suplemento Literário, p. 6.

<sup>74</sup> Correio Paulistano, São Paulo, 10 set. 1961, p. 5.

<sup>75</sup> A Noite, Rio de Janeiro, 14 mar. 1963, p. 5.

<sup>76</sup> Diário da Noite, Rio de Janeiro, 24 set. 1963, p. 8.

<sup>77</sup> Correio da Manhã, Rio de Janeiro, 17 jun. 1967, p. 2; O Estado de S. Paulo, 02 jun. 1968, p. 21.

*São Paulo Terra e Povo* é outro título também lançado em 1967, com organização de Silva Bruno, consistindo em uma coletânea de artigos dele próprio e de outros autores abordando novamente a temática da formação de São Paulo (Bruno, Org., 1967). O que chama a atenção neste caso é o perfil dos participantes do volume, que inclui a historiadora Alice Piffer Canabrava, o geógrafo Pasquale Petrone, o sociólogo Octavio Ianni e o arquiteto Luís Saia, entre outros: Ernani aparece acompanhado de alguns dos mais reconhecidos intelectuais do meio universitário brasileiro da época.

No entanto, o destaque entre seus livros publicados nesta década deve ser dado a *Viagem ao País dos Paulistas*, de 1966. Lançado pela Editora José Olympio, a mesma responsável pela publicação de sua obra mais famosa, esse trabalho traz, assim como aquele, uma visão histórica acerca da formação de São Paulo. Porém, diferentemente da inovadora organização de *História e Tradições*, *Viagem ao País dos Paulistas* apresenta uma organização cronológica linear, que lembra a de obras historiográficas tradicionais. Com menor extensão, texto mais enxuto, sem gravuras ou qualquer tipo de recurso imagético e com poucas notas de rodapé, essa obra é uma alternativa aos leitores que não apreciam o formato do livro *História e Tradições*. Apesar da estrutura mais tradicional e mais simples, a obra segue o modo de pesquisa que o autor desenvolvera e também utiliza antigos testamentos, cartas, atas de câmaras, relatos de viajantes, além de documentos oficiais e outras fontes historiográficas, novamente mesclando fontes oficiais tradicionais com outros documentos de caráter testemunhal.

Os anos 1960 marcam também uma drástica diminuição da presença de artigos de Ernani Silva Bruno na imprensa. Apenas dois textos completos foram localizados nessa década, publicados em 1962 e 1969.<sup>78</sup> O de 1962 é, talvez, um dos mais curiosos da carreira do autor. Intitulado *Pesca e pescadores na prosa de ficção*, foi publicado no periódico paulistano *Fauna - Revista Mensal de Caça, Tiro e Pesca*. Com quatro páginas, o texto é intercalado com anúncios publicitários de materiais de caça, artigos de cutelaria, armas e munições.<sup>79</sup> Podemos interpretar que a curiosa forma de

---

<sup>78</sup> *Fauna*, São Paulo, abr. 1962, p. 53-56; *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 11 out. 1969, p. 10.

<sup>79</sup> Ao final do artigo publicado na revista *Fauna*, consta a informação de que o texto foi "reproduzido do Diário de S.Paulo". Não conseguimos localizá-lo, entretanto, em buscas no arquivo desse jornal.

publicação evidencia a amplitude do público que, na época, lia Ernani Silva Bruno.

O evento mais marcante na carreira profissional de Silva Bruno nesta época tem início com sua nomeação para o conselho diretor do Museu da Cultura Paulista do Mobiliário Artístico e Histórico do Brasil, pelo então governador Abreu Sodré, ao lado de nomes como o de Sergio Buarque de Holanda, entre outros.<sup>80</sup> Esse projeto de museu logo mudaria de nome e se tornaria o Museu da Casa Brasileira, do qual Ernani se tornaria diretor-executivo, sendo principal responsável pela criação e consolidação do acervo. “O Museu é minha vida e nele me realizo. Por ele dinheiro algum é suficiente”, afirmou Silva Bruno em entrevista a *O Estado de S. Paulo* em 1972, demonstrando seu envolvimento com o projeto.<sup>81</sup>

O projeto do Museu da Casa Brasileira pressupunha um trabalho de pesquisa, prospecção e coleta de objetos de valor sociológico, histórico ou artístico que compunham os antigos ambientes domésticos do Brasil. Em entrevista de 1971, Silva Bruno afirmou a respeito dessa atividade:

O essencial é que qualquer dessas reconstituições seja planejada e executada a partir de rigorosas pesquisas. Não se trata de baseá-las em suposições, mais ou menos arbitrárias, do que deveria ter sido a casa brasileira de determinada época ou região, recorrendo-se a vagas imagens de um antigo convencional. E não se trata, de outra parte, de adequar essas reconstituições ao gosto atual de disposição de peças ou de toques decorativos. Em termos de reconstituição de ambientes, é óbvio que o Museu procurará a verdade e não a beleza.<sup>82</sup>

Ainda na década de 1970, paralelamente à sua atuação no Museu da Casa Brasileira (que se estendeu até 1979), Ernani Silva Bruno é nomeado membro do conselho deliberativo do Conselho Estadual de Cultura.<sup>83</sup> Também nesta época ele passará a ser acionado por jornais para comentar temas polêmicos que estejam relacionados à sua área de expertise. Se até algum tempo antes atuara como jornalista, agora tornava-se entrevistado recorrente. A política de demolições implementada em São Paulo nos anos 1970, especialmente por ocasião do início das obras do Metrô, é um dos temas para os quais Ernani foi chamado a comentar. Para ele, a consciência

---

<sup>80</sup> Diário da Noite, Rio de Janeiro, 13 nov. 1970, p. 4.

<sup>81</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 22 jan. 1972, p. 14.

<sup>82</sup> A Tribuna, Santos, 09 mai. 1971, p. 32.

<sup>83</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 06 set. 1973, p. 16.

histórica do patrimônio era algo novo, e seu desenvolvimento era urgente para evitar que se perdessem mais exemplares de relevância histórica, social e arquitetônica em São Paulo.<sup>84</sup>

## 6. Últimos anos

Ao final da década de 1970 e início dos anos 1980, Ernani Silva Bruno volta a publicar com frequência artigos na imprensa paulistana, sobretudo no jornal *Folha de S.Paulo*. Diferentemente do que costumara fazer durante toda a vida, desta vez não escreve exclusivamente textos que abordassem diretamente o passado paulistano, mas também faz reflexões sobre preservação patrimonial, além de análises e críticas sobre escritores e artistas do passado e do presente.

No tema da preservação patrimonial, são exemplos os artigos: *S. Paulo se destruindo ao longo de 426 anos*, *A mal cuidada memória histórica de Santos*, *Festa de Carapicuíba perde a autenticidade*, *Um rico artesanato próximo do fim*, e *Vila Carioba não quer ficar só na memória*, todos publicados em 1980.<sup>85</sup> Entre os escritores e artistas comentados estão Eça de Queiroz, Luís Gama, Aleijadinho, Hercule Florence, Militão Augusto de Azevedo, Aluísio de Almeida, Mário de Andrade, Roquette Pinto e Humberto de Campos, sendo este último objeto de seu derradeiro artigo, que recebia os retoques finais quando Ernani Silva Bruno faleceu. Sua publicação se deu em 25 de outubro de 1986, um mês após a morte do autor.<sup>86</sup>

As artes – aí incluídas as artes plásticas, a literatura, o cinema, a fotografia – ganham maior recorrência nesta última fase dos escritos de Silva Bruno. Apesar de haver se destacado como escritor de história, e da história de São Paulo em particular, Ernani Silva Bruno parece abrir-se no final da vida para um leque maior de interesses.

Por último e digno de destaque, um gênero a que Ernani se volta nos anos 1980 é a escrita memorialística. Durante toda a sua trajetória, apesar de seus artigos e livros fazerem muitas referências a textos de cunho memorialístico e registros de caráter de testemunhal, eles tinham sempre

---

<sup>84</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 17 jan. 1974, p. 26.

<sup>85</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 25 jan. 1980, p. 44. *Folha de S.Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1980, p. 31; 29 abr. 1980, p. 34; 03 mai. 1980, p. 23.

<sup>86</sup> O Estado de S. Paulo, São Paulo, 25 out. 1986, p. 9.

status de fonte. Chama a atenção, agora, o aparecimento bem mais frequente do que antes da palavra “memória” em títulos de artigos. *Epanema, a memória da indústria paulista*<sup>87</sup> e *Bexiga, um bairro de várias influências*<sup>88</sup> (exaltando a criação do Museu Memória do Bexiga) estão entre os textos localizados nesta pesquisa em que o autor dá ênfase ao tema da memória. Mas, sobretudo, é nesta época que o autor escreve seu livro autobiográfico, *Almanaque de Memórias* (Bruno, 1986), único entre toda sua obra – ou ao menos entre o material localizado nesta pesquisa – que se enquadra de forma inequívoca no perfil de obra memorialística.

Ernani Silva Bruno faleceu ainda ativo intelectualmente. Em 1983, foi eleito para a cadeira 17 da Academia Paulista de Letras. Morreu em 25 de setembro de 1986, de ataque cardíaco, justamente durante uma reunião na Academia. Em todas as homenagens prestadas, Silva Bruno foi referido pelo título de historiador. Para o jurista Miguel Reale, São Paulo perdia “seu maior historiador”.<sup>89</sup>

Mesmo após a sua morte, seu nome e os títulos de suas obras continuaram a figurar como referência em produções cujo tema é o passado paulistano. Mais recentemente, às vezes de forma organizada, às vezes nem tanto, trechos da obra têm sido utilizados como referência em blogs sobre história e memória paulistanas e também em grupos e páginas de redes sociais que também abordam esse tema.

### **Considerações finais: legado de Ernani Silva Bruno**

A comunidade acadêmica de História cresceu e os métodos historiográficos se modificaram muito desde que o autor escreveu sua obra mais famosa, e seu modo de produzir e escrever, se comparados à prática historiográfica brasileira recente, sem dúvida são ultrapassados. Apesar de, na atualidade, autores da comunidade historiográfica o classificarem como memorialista, sugerindo falta de compromisso metodológico e com o fato histórico, o material analisado neste artigo sugere que o autor, sendo

---

<sup>87</sup> Folha de S.Paulo, São Paulo, 15 mai. 1980, p. 25.

<sup>88</sup> Folha de S.Paulo, São Paulo, 29 jan. 1982, p. 37.

<sup>89</sup> Boletim do conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, ano 17, 1986, p. 156.

historiador ou não, era mais comprometido com método do que a denominação de memorialista faz entender.

Ana Claudia Fonseca Brefe (1993) dedica-se a estudar os memorialistas da cidade de São Paulo que escreveram entre as décadas de 1900 e 1960<sup>90</sup>. Estes autores teriam como características comuns: (a) o fato de produzirem relatos cronológicos e extremamente descritivos do passado da cidade; (b) o fato de terem visões nostálgicas do passado de São Paulo e ufanistas acerca do seu presente de metrópole progressista e desenvolvida; e (c) por fim, também o fato de produzirem narrativas “centradas em seu próprio ser” (Befe, 1993, p. 5). Este último ponto significa, como destacado por Viviane Cardoso, que “o memorialista se mistura ao seu objeto, se coloca na condição de fonte [...] e entende que não há múltiplas perspectivas sobre um mesmo fato, sendo que a sua percepção pode ser a própria demonstração da veracidade dos fatos” (Cardoso, 2015, p. 152). O método de trabalho de Silva Bruno, manifesto nos seus cuidados com a prospecção, confrontação e crítica de fontes na maior parte de sua obra (exceção feita, naturalmente aos textos de cunho explicitamente memorialístico como é o *Almanaque de Memórias* de 1986), parecem afastá-lo desse conjunto de características, em especial da terceira. Já a produção de uma representação em última análise ufanista, o aproximam da segunda.

Fica também patente que, apesar de Ernani Silva Bruno não ser hoje reconhecido como historiador por sua obra, ele sempre se conectou não só socialmente, mas também intelectualmente, com historiadores reconhecidos e com o ambiente intelectual de sua época. Entre os principais nomes que em diferentes momentos e de diferentes formas estiveram nas redes de contato e intercâmbio intelectual de Silva Bruno, cabe citar principalmente Mario de Andrade, Antonio Candido, Carlos Lemos, Benedito Lima de Toledo, Leonardo Arroyo, Jaime Cortesão, Leonardo Góes, Mario Neme, Gilberto Freyre e Sergio Buarque de Holanda.

O fato de o autor possuir tais contatos não garante, naturalmente, que ele se lhes equipare em relevância. Mas o que pudemos recuperar de sua

---

<sup>90</sup> Além de Ernani Silva Bruno, outros autores identificados por Brefe e a ele equiparados como memorialistas são: Alfredo Moreira Pinto, Antonio Egydio Martins, Afonso de Freitas, Paulo Cursino de Moura, Lacerda Ortiz, Cícero Marques, Afonso Schmidt, Miguel Milano, Miguel Angelo Barros Ferreira, Jorge Americano, Vitor Manoel, Antonio de Almeida Prado, Gabriel Marques, Jacob Penteadó e Raymundo Menezes.

trajetória sugere que, se o qualificativo de historiador (pelo menos o de historiador crítico) pode não lhe caber, o de simples memorialista paulistano talvez também não lhe encaixe com perfeição. Ernani Bruno é um intelectual multifacetado, que tem uma complexidade ainda não totalmente conhecida, parte da qual tentamos desvelar aqui. Além disso, a descoberta de temas pelos quais ele se interessava, e cuja existência era desconhecida ou estava esquecida em antigos acervos de jornais, contribui para mapear sua produção, ampliar o conhecimento sobre seu leque de atuação e trazer à tona textos do autor cujo conteúdo certamente poderá contribuir para novas pesquisas e debates sobre sua atividade intelectual.

## Referências

### a) Bibliográficas:

BREFE, A. C. F. **A cidade inventada**: a pauliceia construída nos relatos memorialistas (1870-1920). Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

BRITO, M. da S. Evocação de Mario de Andrade. **O Estado de S. Paulo**, 28 fev. 1970, Suplemento Literário, p. 2.

BRUNO, E. S. **História e tradições da cidade de São Paulo**. 3 vols. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953.

BRUNO, E. S. **Almanaque de memórias**. São Paulo: Hucitec, 1986.

BRUNO, E. S. **Café & negro**. São Paulo: Atalanta, 2005.

BRUNO, E. S. **Viagem ao país dos paulistas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.

BRUNO, E. S. (Org.). **São Paulo terra e povo**. Porto Alegre: Globo, 1967.

CARDOSO, V. P. D. Urbanização e desenvolvimento econômico na obra História e Tradições da Cidade de São Paulo, de Ernani Silva Bruno. In: ARAGÃO, S. M. L. (Org.), **São Paulo**: história, memória, construção. Jundiaí: Paco Editorial, 2015, p. 147-169.

CUSTÓDIO, V. A organização e disponibilização do Fundo Ernani Silva Bruno (ESB). **Revista IEB**, São Paulo, v. 54, p. 163-180.

FREITAS, P. M. S. O Grupo Santa Helena e o universo industrial paulista (1930-1940). **Urbana**, Campinas, v. 3, n.3, 2011.

GUERRA, J. W. **O projeto Ernani Silva Bruno**: uma discussão sobre as bases de criação, implantação e gestão do Museu da Casa Brasileira (1970-1979). Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação Interunidades em Museologia). Universidade de São Paulo, 2015.

LEITE, A. R. de P. Ernani Silva Bruno - Historiador. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro**, São Paulo vol. LXXXII, 1987, p. 29-35

LEMOS, C. A. C. Ernani, o ledor voraz. In: **Equipamentos da casa brasileira - usos e costumes - Arquivo Ernani Silva Bruno**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2005. Disponível em: <http://ernani.mcb.org.br/ernfraArtigos.asp>. Acesso em: 03 jun. 2020.

LOFEGO, S. L. **Memória de uma metrópole**: São Paulo na obra de Ernani Silva Bruno. São Paulo: Annablume, 2001.

MARQUES, V. R. B. A fabricação de aprendizes nas escolas paulistas do Senai (1942-1955). **História da Educação**, Pelotas, v. 13. n. 29, p.171-191, 2009.

MARX, M. Ernani Silva Bruno: grandeza do perfil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, v. 27, p. 137-139, 1987.

OLIVEIRA, S. A. O mouro e o árabe influenciando em nossa formação. **Boletim da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, 28 nov. 1941, p. 70.

REIS, P. A. dos. Novos olhares sobre a urbanização e expansão da cidade de São Paulo. In: **Anais do XXIII Encontro Regional de História da ANPUH-SP**, Assis, 2016. Disponível em: <http://www.encontro2016.sp.anpuh.org/site/anaiscomplementares>. Acesso em: 01 jun. 2023.

SILVA, T. C. da. **Um intelectual caipira na cidade**: a trajetória de Mário Neme e sua gestão no Museu Paulista. Tese (doutorado em História social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

TOLEDO, B. L. de. **Prestes Maia e as origens do urbanismo em São Paulo**. São Paulo: Empresa das Artes, 1996.

b) Acervos documentais consultados:

Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional  
(<https://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>)

Acervo digitalizado O Estado de S. Paulo  
(<https://www.estadao.com.br/acervo/>)

Acervo digitalizado Folha de S. Paulo (<https://acervo.folha.com.br/>)